

CRÍTICA

TEATRO

|

ALTA SOCIEDADE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Elite descontrolada

Um dos nossos maiores dramaturgos e precursor do teatro besteirol, Mauro Rasi aprimorou o teatro brasileiro no final do século passado com obras extraordinárias como “A Cerimônia do Adeus”, um de seus textos mais elaborados. E agora, Amanda Jordão destaca-se ao atualizar esse fenômeno do autor, sem arranhar sua espinha dorsal. A semelhança com a hipocrisia de uma elite vigente impressiona, tendo em vista a criatividade de revitalizar a obra, inoculando citações, falcatrúas, peripécias, espelhando a putrefação da sociedade brasileira.

A comédia expõe um casal milionário falido em seu apartamento no Chopin – edifício da elite tradicional carioca, na noite do réveillon, desesperados para escapular da Polícia Federal, armando uma fuga anedótica do país. Criações e aprimoramentos dramaturgicos são aplicados ao mencionarem crimes burgueses, sonegação fiscal, a prisão do ex-banqueiro Daniel Vorcaro, a decepção da filha ter estudado no Sacré-Coeur em Paris, mas acaba nua num carro alegórico da Grande Rio, o desprezo da música que entra pelo ralo, como “A Peste”, de Camus, e por aí vai disparando situações hilariantes.



Orã Figueiredo e Júlia Lemmertz vivem casal de milionários falidos que tentam escapar da Polícia Federal em pleno réveillon

Atuando em personagens autobiográficos urdidos por Rasi, Emílio de Mello afina-se com a dramaturgia e conduz com expertise a montagem. Parece haver uma boa química entre direção e atores, em que o jogo flui espontânea e satisfatoriamente, mas vale pontuar que alguns momentos o espetáculo deflagra uma certa histeria, nada que desestruture a orientação eficaz, pela qual é instituída ritmo ajustado. A cena ao entrarem em pânico quando ele

rasga o Proust e o Valentino dela, ao passo que ela destrói seu Machado de Assis atirando longe o Piazzola e o Stravinsky dele, é um deleite. A direção possibilita um compartilhamento sensorial incisivo e um descontrolo patético daquela ruína moral, valorizando a escrita rasiana. Júlia Lemmertz trafega com sabedoria, desenhando sua Sylvia com extrema elegância, uma afetação na medida certa, sem enfatizar o que a bela dramaturgia já impõe. Orã Figueiredo

fabrica rusticidade, o que contrapõe o refinamento daquele universo, gerando humor. O ator deve ficar atento aos gritos, que por vezes são demasiados. Os atores divertem-nos num jogo bem articulado. Chris Aizner ambienta o espaço com uma estrutura revelando luxo e decadência, com um janela para o mar de Copacabana e apenas um Pollock que restou das posses. O figurino, adequado e jocoso, de Karen Brusttolin, reverbera saia ampla,

casaco volumoso, com veludo, seda, jacquard, com tecidos encorpados e estampados, reforçando aristocracia e riqueza tradicional. A paleta de preto, creme, vermelho, vinho, azul-petróleo e dourado reflete poder e sofisticação. A luz de Tomás Ribas e Elisa Tandeta é funcional. “Alta Sociedade” satiriza os excessos e falhas de caráter elitistas, convidando-nos à reflexão sobre a escassez de cidadania e ética, pelas quais o país chafurda cada vez mais!

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Carol Campos/Divulgação

O último improviso

Caio Blat e Pedro Henrique Müller protagonizam “Subversão Kafka”, em cartaz até domingo (27) no Teatro Prio. Na trama, artistas remanescentes de uma falida companhia de teatro de variedades montam o último espetáculo, cuja estrela é Josefina, uma rata cantora. O público, formado por ratos, aguarda a diva, que demora a entrar em cena, obrigando os atores a improvisar para conter a ansiedade da plateia. E homenageiam figuras da companhia, como um trapezista que jamais desceu do trapézio e um jejuador rejeitado pelo público.



João Caldas/Divulgação

Dalva, a estrela

Soraya Ravenle protagoniza o musical “Dalva, Minha Estrela”, de Renato Borghi, em cartaz no Teatro Claro Mais, em Copacabana, até domingo (27). A atriz, que começou a carreira no coro de “A Estrela Dalva” (1987), sucesso de Borghi com Marília Pêra, encarna agora a própria “rainha do rádio”. Ivan Vellame dá voz aos amores de Dalva de Oliveira, com destaque para o compositor Herivelto Martins, revivendo os sambas imortais e os conflitos tornados públicos da turbulenta relação do casal durante a era de ouro do rádio.



Nana Moraes/Divulgação

Convivência forçada

Dirigida por Guilherme Piva, a peça “Visitando o Sr. Green” encerra neste domingo (27) sua temporada no Teatro Vannucci. Um acidente de trânsito aproxima o velho e solitário judeu ortodoxo Sr. Green e Ross, executivo de 29 anos considerado culpado pelo juiz Kruger. A sentença determina que o jovem preste serviço comunitário junto à vítima, uma vez por semana, ao longo de seis meses. Toda a ação se passa no apartamento do senhor, onde os móveis parecem intocados desde que foram adquiridos.